

# APRESENTAÇÃO

*Caríssimos Irmãos,*

o CG27, como já aconteceu no Capítulo Geral anterior, foi concluído no dia 12 de abril. Esta data é, para nós, particularmente cara, porque nos recorda o início da obra de Dom Bosco em Turim Valdocco. 12 de abril de 1846, de fato, era dia de Páscoa, quando Dom Bosco pôde estabelecer-se num lugar “todo seu” para poder acolher os jovens. Recordando aquele dia, agora na iminência do bicentenário do seu nascimento, preparamo-nos como Congregação para um novo início, percorrendo o caminho traçado pelo Capítulo Geral.

Todo Capítulo Geral apresenta um momento de preparação, que começa com a publicação da carta de convocação do Reitor-Mor e culmina com a realização dos capítulos inspetoriais; um momento de celebração, que é constituído por aquilo que a assembleia capitular viveu desde o dia do seu início até a sua conclusão; um momento de aplicação, que se abre a partir do final da celebração capitular e vai até o início do próximo Capítulo Geral. Com a publicação dos Atos do CG27, que agora vos apresento, abre-se a terceira fase capitular, a aplicativa.

Os Atos do CG27 subdividem-se em três partes fundamentais: o texto do desenvolvimento do tema “Testemunhas da radicalidade evangélica”, as deliberações e os anexos. Estas partes são todas importantes e contribuem para compreender o evento capitular e o seu espírito. Acrescentam-se a estas partes a minha apresentação e o índice analítico sobre o desenvolvimento do tema. Não se deve esquecer que estes Atos encontram na carta de convocação do Capítulo, escrita pelo Reitor-Mor emérito P. Pascual Chávez, algumas linhas que podem ajudar para uma melhor interpretação do mesmo evento capitular.

## Testemunhas da radicalidade evangélica

O tema fundamental do CG27 é “Testemunhas da radicalidade evangélica. Trabalho e temperança”. Indico-vos agora alguns relevos a respeito deste tema; outros aspectos importantes já estão presentes na introdução, como, por exemplo, o ícone bíblico da videira e dos ramos.

### *Conversão*

O tema capitular é fascinante e prometedora para o futuro da Congregação, mas, ao mesmo tempo, é muito empenhativo. Ele pede-nos um caminho de conversão, que não podemos programar; podemos desejar que ela aconteça, mas não é acertado que se realize. A conversão é obra do Espírito que muda a nossa mente, o nosso coração e a nossa vida; a cada um de nós e a cada comunidade cabe a responsabilidade de viver, atentos e disponíveis, àquilo que o Espírito nos sugere; cabe-nos a tarefa de encontrar as condições que possam favorecer a conversão espiritual, fraterna e pastoral. A conversão é a meta indicada a todos nós pelo CG27, uma conversão que é ao mesmo tempo pessoal e comunitária.

### *Discernimento*

Depois da experiência do CG25 e do CG26 chegamos a uma metodologia de discernimento que me parece melhor definida. Ela utiliza três expressões novas, mais coerentes com a ação do Espírito: *escuta, leitura e caminho*. Durante o Capítulo, foi uma metodologia difícil de compreender, especialmente na parte relativa à leitura, mas, afinal, parece-me que ela foi acolhida e aplicada. Esta metodologia inspira-se naquela muito utilizada pela Igreja na América Latina e reafirmada na última Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida.<sup>1</sup> Se assumida, poderá dar bons frutos para a

---

<sup>1</sup> Cf. Documento de Aparecida, 19.

vida dos irmãos, das comunidades e das inspetorias; o discernimento é o caminho que hoje o Espírito nos indica para encontrar a vontade de Deus.

O ponto de partida pede-nos para nos colocarmos à *escuta* da vida, das situações, das expectativas das pessoas. Deus fala-nos através da vida, das pessoas que coloca ao nosso lado e dos acontecimentos da história. A escuta leva-nos a sair de nós mesmos, a contemplar a realidade, a deixar-nos interpelar por ela, a superar a autorreferência, para perceber o que é novo e desafiador na vida dos jovens e das famílias, da Igreja e da Congregação, da cultura e do mundo. Trata-se de uma escuta contemplativa que nos faz não só “escutar” a realidade, mas ajuda-nos a “vê-la”, contemplá-la à luz da Providência de Deus; é a escuta de fé feita enquanto crentes.

O segundo passo também é empenhativo: a *leitura*. É preciso interpretar os fatos e as situações, para compreendê-los melhor e individuar as suas causas. Não se pode parar nos sintomas, é preciso ir às raízes das situações. Trata-se de uma leitura crente da realidade, que se baseia no evangelho e no carisma, que assume critérios vindos da fé e da razão e, portanto, faz um verdadeiro discernimento comunitário. Às vezes, pode acontecer o conflito das interpretações; é necessário, por isso, chegar a uma leitura compartilhada. O convite é de julgar a realidade segundo Jesus Cristo, caminho, verdade e vida.

O *caminho*, enfim, propõe um itinerário a seguir, indicando um objetivo para o qual se orientar, os processos que individualizam algumas situações de partida e os pontos para os quais tender, alguns passos que entendem dar concretude ao caminho nos próximos anos.

Os três momentos formam um conjunto inseparável; eles são diversos, mas entrelaçados. Não devemos esquecer que se trata do discernimento para conhecer a vontade de Deus e colocá-la em prática. “A adesão crente, alegre e confiante no Deus Pai, Filho e Espírito Santo e a inserção eclesial na Igreja [e na Congregação] são pressupostos indispensáveis que garantem a eficácia deste método”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Cf. Documento de Aparecida, 19.

## *Vocação e graça de unidade*

Os elementos fundamentais que percorrem o documento capitular sobre o testemunho da radicalidade evangélica são a realidade da vocação e da graça de unidade. Trata-se de realidades teológicas e teológicas a assumir vitalmente.

O testemunho do evangelho vivido radicalmente é um chamado de Deus e não só uma decisão nossa. Como dom da vida consagrada salesiana, que Deus fez a cada um de nós, somos chamados a ser testemunhas do evangelho. O perfil do salesiano que devemos assumir torna-se, pois, o de alguém que é “chamado a ser místico no espírito, profeta da fraternidade e servo dos jovens”. O testemunho é antes de tudo um dom vocacional e, por isso, tarefa e responsabilidade. Brota daqui a importância de colocar o reconhecimento e a gratidão pelo dom da vocação como fundamento do nosso testemunho; sem este fundamento, o testemunho será frágil.

O dom gratuito de Deus e a nossa resposta cooperante entrelaçam-se numa relação de reciprocidade. Eis a graça de unidade, eis o primado de Deus em nossa vida. Eles são dom do Espírito para cada um de nós. Nas realidades em que nos encontramos com as nossas fragilidades pessoais e comunitárias, nas diversas dificuldades do contexto cultural e social e da missão, a graça de unidade é o caminho para responder com generosidade e sermos nós mesmos: salesianos consagrados, irmãos a serviço dos jovens. Acolhendo este dom encontraremos um traço característico da nossa espiritualidade que é a união com Deus; ela favorece a unificação da vida: oração e trabalho, ação e contemplação, reflexão e apostolado. Aqui encontraremos o êxtase da ação. O testemunho a que somos chamados não se refere a aspectos parciais da nossa vida; se quiser ser autêntica, deve ser totalizante.

## *Trabalho e temperança*

Viver a radicalidade na sequência do Senhor não pode ser imposto, não é uma ordem, mas expressão do amor a Jesus, a quem devemos

estar vitalmente unidos; por essa razão, o documento capitular escolhe o ícone da videira e dos ramos.

Trabalho e temperança constituem o modo salesiano de viver a radicalidade evangélica. Eles são o nosso distintivo e a nossa característica. São, para nós, duas realidades inseparáveis: “O trabalho é a visibilidade da mística salesiana e a expressão da paixão pelas almas, enquanto a temperança é a visibilidade da ascética salesiana e a expressão do ‘*cetera tolle*’” (ACG 413, p. 39). Não há mística sem ascética e vice-versa; não há trabalho sem temperança e não há temperança sem trabalho; isto também é graça de unidade.

O “*da mihi animas*” exprime-se visivelmente na vida do salesiano e da comunidade através do trabalho apostólico incansável, apaixonado e santificado; o “*cetera tolle*” exprime-se na temperança que é a renúncia, o sacrifício e o preço que estamos dispostos a pagar pelas almas. Trabalho e temperança unificam-se e sintetizam-se no dom total de si a Deus pelos jovens. Eles são um critério vocacional de discernimento e de formação. Tudo isso nos leva ao que diz o artigo 18 das nossas Constituições.

## **Deliberações**

As 19 deliberações capitulares dizem respeito às Constituições, aos Regulamentos gerais e à vida da Congregação. Em geral, elas referem-se às estruturas do governo central da Congregação, mas também têm um reflexo na vida dos irmãos, comunidades e inspetorias. Todas as deliberações devem ser, portanto, estudadas também pelas consequências operativas que têm em todos os níveis. A título de exemplo, apresento algumas delas.

A deliberação que confia a Família Salesiana a um Secretariado geral diretamente dependente do Reitor-Mor, não comporta apenas uma mudança na organização e na outorga das atribuições, mas ajuda também a realizar uma mudança de mentalidade sobre o modo de a nossa Congregação compreender e animar a Família Salesiana.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. Deliberação 4.

Tomou-se depois uma deliberação a respeito da modalidade de eleição dos Conselheiros de setor. Ela introduziu um critério importante para a designação de um irmão para um trabalho específico: é necessário conhecer previamente os nomes dos candidatos sobre os quais exercer o discernimento antes de uma votação e, ao mesmo tempo, ativar um processo transparente e comunitário para fazer emergir os candidatos. O mesmo critério poderá ser utilizado também para as nomeações dos irmãos ou dos leigos.<sup>4</sup>

Outra deliberação pede ao Reitor-Mor para criar uma comissão econômica central com atribuições de estudo, consultoria e controle. Isso estimula a necessidade de monitorar a economia em todos os níveis de modo colegiado, ativar processos transparentes nas decisões e servir-se de competências profissionais.<sup>5</sup>

Um último exemplo de deliberação refere-se à responsabilidade da busca de pessoal para os lugares salesianos, que é confiada ao Reitor-Mor e ao seu Conselho. Isso exige um maior envolvimento das inspetorias, chamadas a oferecer com generosidade irmãos competentes e disponíveis para serviços que se referem a toda a Congregação; isso também vale para as demais necessidades da Congregação.<sup>6</sup>

## **Anexos**

A terceira parte dos Atos do CG27 apresenta alguns discursos importantes. Eles não são oferecidos, primeiramente, como documentação; eles são apresentados, sobretudo, para o estudo e a reflexão, porque contêm elementos importantes de compreensão das opções capitulares. Constituem o horizonte interpretativo das nossas ações.

Com a publicação dos Atos do CG27, temos, agora, uma referência para a qual olhar juntos; dessa forma, é-nos indicada a

---

<sup>4</sup> Cf. Deliberação 9.

<sup>5</sup> Cf. Deliberação 15.

<sup>6</sup> Cf. Deliberação 17.

mesma direção do itinerário. A Assembleia capitular empenhou-se em oferecer textos essenciais. Cabe agora a todos – irmãos, comunidades e inspetorias – a tarefa de estudar e aprofundar estes documentos com mente aberta e coração disponível. Só conhecendo, estudando e compreendendo o que nos é oferecido, poderemos caminhar juntos e dar frutos abundantes.

Confiamos o caminho pós-capitular a Maria Auxiliadora, a quem invocamos como modelo de radicalidade evangélica. Ela é a Mulher da escuta, a Mãe da comunidade nova, a serva dos pobres. Ela ensine-nos a viver disponíveis ao Espírito; Ela guie-nos em nosso caminho de renovação e de conversão. Caminhemos juntos com Maria!

P. Ángel Fernández Artime  
*Reitor-Mor*

Roma, 24 de maio de 2014.  
*Solenidade de Maria Auxiliadora*